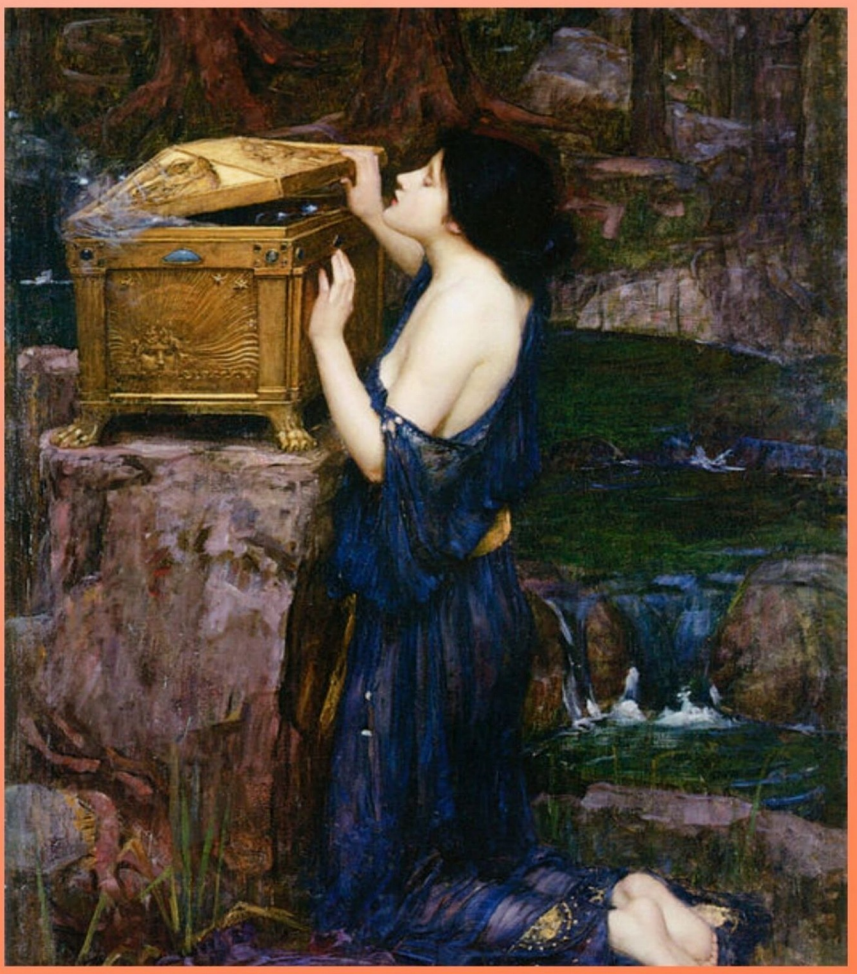
Warley Matias de Souza



A CAIXA

e outros mitos

Warley Matias de Souza

A CAIXA
e outros mitos

Souza, Warley Matias de, 1974-
A caixa e outros mitos / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2020.
ISBN 978-65-00-10100-3
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
A CAIXA E OUTROS MITOS
Copyright © 2020 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Pandora*, de John William Waterhouse.

(Obra revista pelo autor em 2022)

CAPÍTULO I
O monólogo
(Mito: o deus)

As luzes se apagaram, o palco ficou imerso em profunda escuridão, uma luz caiu sobre o rosto muito branco do ator. A sonoplastia providenciou o som de vozes, lamentos e gritos ao fundo, pois o personagem estava preso em uma sala, apesar de o palco não apresentar cenário, só o ator, vestido de negro, a luz sobre seu rosto. Esta o acompanhava em perfeita sincronia à medida que ele se movimentava pelo palco. Aquilo produzia um efeito muito interessante, como se um rosto branco flutuasse no ar.

Eis o monólogo:

— Augusta dizia que eu era um doente mental; mas que a cura é sempre possível, se o paciente quiser. A minha “doença” fazia com que eu não admitisse erros, buscasse desesperadamente a perfeição e, se não me sentisse adorado, praticasse as formas mais diversas e masoquistas possíveis de autopunição. Quando o primeiro amor me deixou, quase me consumi em culpa. Foi como se eu tivesse falhado, pois eu deveria ter feito tudo para ser amado eternamente. Os outros amores seguiram o mesmo caminho, terminaram com um “não” dito em alto e bom som. O que teria feito eu para ser rejeitado daquela forma? Ah, minha vontade primeira era fulminar cada um dos meus amantes com os meus raios. Como não sabia ainda que tinha tal poder, o recurso foi martirizar-me até o limite

entre a vida e a morte. Numa dessas vezes, fiz cortes em meu corpo, na tentativa de que a dor física suplantasse aquele sentimento de falha, aquele vazio dos deuses que tomava conta de mim. Meu corpo ficou todo marcado, cicatrizes que não me deixavam esquecer que eu era imperfeito. Depois disso, podia estar frio ou calor que eu usava sempre calça e mangas compridas, pois só poupei meu rosto e pescoço dos cortes. Não me permitia desnudar-me diante de ninguém, apesar de usar a sedução para sentir-me adorado, um deus. Inverti o processo. Se antes eu desejava e ouvia “não”, passei a ser desejado e dizer “não”. Consumia-me de desejo; mas sabia que o “não” do outro seria ainda mais contundente diante das cicatrizes e da mutilação: cortei meu pau durante um acesso de desejo. Era um eunuco, um mutilado. Eu vivia de uma herança deixada por minha mãe, que daria para sobreviver até o fim de meus dias, se eu não gastasse demais. Meus vizinhos me tratavam com respeito e adoração. Tenho um QI muito acima da média. No entanto, Augusta dizia que meu QE não dava sustentação a uma formiga. Eu era um descompensado, não sabia entender o equilíbrio. Vim parar aqui depois que o meu desejo ficou tão forte que acabei contratando os serviços de uma garota de programa. Com os olhos bem abertos para ver sua reação, despi-me diante dela, que, ao ver minhas cicatrizes e minha mutilação, vomitou toda a vodca que acabara de beber. Aquilo foi o cúmulo do desrespeito diante de um deus. Fui impiedoso e arranquei-lhe a cabeça com o mesmo

machado com que me livrei do meu pau. Dizem que sou um monstro. Os vizinhos que me admiravam, apedrejaram minha casa e destruíram todos os quadros que pintei. Curioso, em todos os meus quadros, havia monstros. Augusta achava que eu estava reproduzindo o meu interior. Ela não dizia isso; mas eu percebia em seus olhos. Tenho uma capacidade *sui generis* de adivinhar o que o outro sente ou pensa. E acho que os monstros que eu pintava não eram meus monstros interiores, mas os monstros que eu via nas pessoas. Pois todas são monstruosas, não tenho dúvida disso. Em toda a história da humanidade, as pessoas buscaram monstros para perseguir no intuito de fugirem de sua própria deformidade. A literatura mundial está repleta desses seres bizarros. Um dos monstros que vivia aqui comigo disse que sou um Iluminado. Eram tantos monstros aqui, e dividíamos este espaço feio e sujo. Somente a brancura dos uniformes dos psiquiatras e enfermeiros nos faziam lembrar que existia um mundo limpo lá fora. A maior parte do tempo, eu estava com uma camisa de força, pois meu desejo de mutilação intensificou-se em meio a tanta sujeira. Tentei cortar os dedos dos pés, os próprios pés e tive vontade de cortar minhas mãos, furar meus olhos, mutilar-me por completo, um pouquinho a cada dia até não mais conseguir sobreviver. Preso em camisa de força, eu gritava, sentia-me como um animal no cio impedido de fornicar. Havia uma mancha na parede do meu quarto que me incomodava. A cada dia a mancha crescia mais. Quando os homens e mulheres de

branco se lembravam de mim e entravam para me alimentar, eu apontava a mancha, com o queixo, e falava dela. Eles balançavam a cabeça de um lado para o outro, como se fossem superiores a mim. Superiores! Não conseguiam sequer ver uma mancha que crescia na parede. E, então, eu pensava que, se não estivesse imobilizado, poderia puni-los por esse menosprezo diante de um deus. “Você está doente”, dizia-me sempre Augusta em nossas sessões. Ela queria me convencer de que eu era o produto de uma doença. Tinha um QI bem superior ao dela; mas ainda assim, Augusta me tratava como a um doente. Vejam só como são as coisas. As formigas comandam o mundo. E pessoas como eu, que conseguem ver além do formigueiro, são reprimidas por essas formigas boçais. Nasci para ser adorado, servido, amado. No entanto, as formigas não podem adorar, servir ou amar nada além da rainha. E eu estou muito longe de viver a inutilidade de uma rainha, com a bunda cheia de ovos, com a vida dedicada apenas a fornecer mais e mais soldados suicidas para o exército do formigueiro. Como uma vespa pode viver em um formigueiro? Inevitavelmente, será aprisionada pelo exército de formigas. Um deus não pode viver sob o domínio de formigas. Hoje pela manhã, gritei, chorei e implorei para que o enfermeiro me soltasse da camisa de força, pois eu estava com algum tipo de alergia, meus braços coçavam e pareciam queimar, menti. Ele chamou outro enfermeiro para garantir sua segurança; o que foi perfeito, ele desconhecia minha força física. Cabeça contra cabeça,

quebradas, sangrentas, era uma vez dois enfermeiros. Um monstro sozinho é controlável; mas muitos monstros juntos são invencíveis. Abri as jaulas de meus amigos, e dominamos este lugar. Meus monstrinhos fazem o que mando e morrerão por mim. Sou um líder nato, um deus, um monstro, um mutilador. Vou cortar um dos meus braços agora. Pronto. Tenho que preservar esta mão apenas, para registrar os meus feitos; afinal, todo deus precisa de um texto sagrado. Serei adorado, enfim, eternamente, por aqueles que conseguem ver a magnanimidade em mim. Sou o deus da mutilação e possuo o dom das lagartixas, me regenero. Meu pau está de volta, precisei mostrá-lo a Augusta. Pobre coitada, morreu atravessada pela minha espada. Até que me simpatizava com ela; mas, nos últimos tempos, não sei, aquele arzinho superior, pedante, começou a me incomodar. Não tenho culpa das limitações dos mortais. Sou um deus-lagartixa. Lá fora, barulho de sirenes. Será que pensam que houve uma rebelião? Mas como, se não éramos prisioneiros? Só estávamos aqui para sermos curados de nós mesmos e enxergar a verdade mentirosa das formigas suicidas! Ah, formigas, não me façam rir! Seria tão mais simples se reconhecessem a minha divindade e me adorassem sem resistência! Eu pouparia as suas vidas, todo deus é magnânimo diante da humildade de seus servos. Mas as formigas são suicidas; queimam no fogo, mas não retrocedem. Que venham então! Haverá choro e ranger de dentes. Que venham! Podem matar, com seus tiros, os

pequenos monstros; mas um deus, jamais. Aguardo, simplesmente, que elas entrem aqui e tentem me dominar e me matar. Elas não podem me matar. Meus poderes surgiram dentro deste depósito de monstros. Quando percebi que meu pau estava se regenerando, como o rabo de uma lagartixa, entendi definitivamente que sou invencível. Os tiros não podem me matar, nada pode me matar. Sou eterno, sou um deus. Sinto em minha mão uma força, uma energia azul capaz de eliminar os inimigos. As formigas morrerão caso não aceitem o meu domínio, caso se recusem a adorar-me. Não tenho mais necessidades físicas. Mas preciso ser adorado, um deus não existe sem adoração. Que assim seja! Os monstros gritam e são calados pelo fogo das armas. Sinto o cheiro do sangue que escorre dos seus corpos esqueléticos, cansados e sujos. E isso me é agradável. A morte acaba com suas dores. As formigas estão aproximando-se daqui, da sala de Augusta, a diretora deste depósito de monstros. Estou sentado nesta poltrona confortável, meu trono. Calmamente, espero que as formigas invadam esta sala e morram queimadas pelo calor dos meus raios. De repente, tudo ficou silencioso. Sou um deus! E meus poderes estão cada vez mais fortes. Posso ver além destas paredes, posso ver os corpos ensanguentados nos corredores. Sou onipresente. Ouço vozes que se misturam, o mundo está dentro de mim. Do outro lado da porta, formigas silenciosas preparam-se para entrar à força, ouço seus pensamentos. Os monstros foram derrotados, e as formigas pensam

que podem acabar comigo. Quando elas entrarem, minha mão emitirá tanta energia que cegará seus olhos. Se insistirem, apenas com um sopro, farei seus corações se descolarem do peito. Não, não podem nada contra mim. E, enquanto não aceitarem que devem me adorar, haverá choro e ranger de dentes, haverá fome, pestes e suplícios, haverá dor e guerra, pois as formigas só poderão encontrar a eterna felicidade se forem fiéis a mim e aceitarem o meu amor.

Após o monólogo, um efeito especial fez a mão do ator ficar iluminada e de cor azul. E, durante quinze minutos, ele fez movimentos estranhos, em uma espécie de dança, mas sem música.

No final, os aplausos acordaram metade da plateia.

CAPÍTULO II

A caixa

(Mito: a caixa de Pandora)

— A maquiagem é uma máscara.

— Dizem que as mulheres se maquiavam.

— Nunca vi nenhuma. E você?

— Em imagens.

— Assim eu também.

— Então?

— Digo, pessoalmente.

— Assim não.

— E por que não?

— Você sabe.

— Mas fala, pra eu entender que é real.

— Não faz mais sentido, não existe mais procriação.

— Coisa mais estranha essa de procriar assim daquela forma.

— Não tem vontade?

— Que pergunta!

— Vou desligar. Nos falamos depois?

— Claro, você é meu único amigo.

— Verdade?

— Por que seria mentira?

— Sei lá.

— Tenho todo o universo dentro de mim.

Apagado o holograma, I000246 encaminhou-se ao banheiro. Olhou-se no espelho e sentiu-se um pouco envergonhado, pois a barba estava por fazer. I00358 sempre se apresentava barbeado. Era um cuidado que ele tomava ao se mostrar para

I000246. Era a única pessoa com quem I000246 tinha contato regular, uma escolha que fizera ao buscar uma brecha na rede para interagir com alguém.

Ainda se perguntava quem ou o que estava por trás da rede, algo devia controlar tudo aquilo. Já ouvira alguma menção a certo deus, o controlador de tudo. Mas I00358 era diferente dele sobre esse aspecto, acreditava que era melhor não questionar, as coisas são como são, é preciso continuar, ele dizia.

Nenhum dos dois estava inconsciente da morte, eles sabiam que ela existia; mas nunca tinham visto um corpo morto de perto, somente em imagens, muito reais é verdade, mas que não permitiam o cheiro ou o toque.

À medida que urinava no vaso extremamente seco, toda a urina era levada instantaneamente pelo sistema de sucção. Para onde ela ia, ele não sabia, essa informação não estava disponível na rede.

Quando o sistema de banho estragara, a porta da caixa abrira-se. I000246 saíra e deparara-se com uma porta que dava para outra caixa. Entrara e verificara que a caixa nova estava toda equipada. Uma hora depois, a porta abrira-se e sua caixa antiga estava pronta, o sistema de banho funcionava novamente.

Ainda ficava encantado quando via na rede imagens antigas de banhos com água. Por mais que não pudesse ter a sensação, imaginava algo bom, pois os rostos das imagens, na maioria das vezes,

estavam sempre felizes. Havia variações nessas imagens, crianças que pareciam rejeitar a água, ou adultos que pareciam reclamar da água quente demais ou fria demais. Devia ser bom viver antes do racionamento. Essas imagens do passado geravam a esperança de que, talvez, um dia, certas coisas pudessem voltar.

I000246 deu um toque no pulso, e a tela virtual surgiu diante dele. Tocou no ícone I00358. Segundos depois, a tela desapareceu, e o holograma de I00358 surgiu e disse, com um sorriso:

— Já com saudade?

— É que recebi os arquivos que solicitei — respondeu I000246. — Só me lembrei agora.

— Uhm...

— Vou lhe enviar.

Deu um toque no pulso e acionou a tela virtual. Mais alguns toques, agora na tela. E, por fim:

— Feito.

— Vejo depois.

— Pessoas como nós têm uma evoluída capacidade de abstração, conseguimos compreender sutilezas dos discursos e da realidade.

— O que tem isso?

— As cavernas!

— Nãããão! Você conseguiu imagens?

— Sim, estão nos arquivos que lhe enviei.

— Tenho pena dos seres das cavernas, dizem que viviam em péssimas condições.

— E realmente viviam.

— Sorte que desenvolvemos a capacidade de abstração.

— É mesmo.

— E encontrou os arquivos das Américas?

— Sim, sim! Um continente do passado descoberto oficialmente por um tal Cristo Colombo.

— Então é verdade?

— Não! Antes da descoberta oficial, muitos outros do antigo continente europeu viajaram pras Américas. Porém, como não voltaram, não houve registro oficial.

— Então?

— Várias marcas da presença do europeu nas Américas foram encontradas. Fósseis de até mil anos antes da descoberta oficial.

— Vou ver agora então.

— Quando penso em tanta história que se perdeu, fico deprimido.

— E eu então!

— Soube que muitos de nós estão morrendo devido a problemas renais.

— Resultado da escassez de água. Eu também soube.

— Quando vejo filmes antigos, tenho vontade de voltar ao passado e viver de verdade.

— Mas você vive de verdade.

— Não sei o que é uma vida de verdade.

— Eu sou uma vida de verdade.

O holograma de I00358 desapareceu; mas cinco minutos depois reapareceu:

— Vi todos os arquivos. Ainda estou meio tonto com tanta informação.

— Fez o *download* cerebral?

— Sim.

— O meu conector está com defeito, acabei vendo pelo método antigo.

— Às vezes gosto de ver as imagens, em vez de tê-las instantaneamente em minha cabeça.

— Estou sem opção.

— Por que ainda não consertaram?

— Não abri ocorrência.

— E por que não?

— Não sei dizer. Preguiça talvez.

— Coisa esquisita.

— A preguiça?

— Preguiça de abrir ocorrência. Mas não teve preguiça de ficar horas diante de uma tela.

— Não sei explicar, acho que estou doente.

— Por quê?

— Ando fazendo coisas estranhas.

— E por quê?

— Não sei. Parece que tudo isto aqui não faz sentido.

— Disse pra não pensar demais em coisas que não pode entender.

— Então não seria eu.

— É verdade.

— Sabe o que pensei ontem?

— Não sei se quero saber.

— Não é meu amigo então?

— Amigo sim. Pode falar.

— Eu queria saber onde está o meu androide-mãe.

— O quê!?

— É, você não tem curiosidade de saber onde está seu androide-mãe?

— Não, é só uma máquina.

— E não somos máquinas também?

— É diferente.

— Por quê?

— Temos cérebro.

— E as máquinas não?

— Os androides-mãe têm uma inteligência limitada.

— Assim como os antigos seres das cavernas.

— Talvez.

— O meu androide-mãe cuidou de mim até os meus dez anos.

— É assim com todo mundo.

— E não tinha afeto pelo seu?

— Era só uma máquina.

— E não tem afeto por mim?

— Você é mais do que uma máquina.

— Quando meu androide-mãe foi embora, fiquei muito triste.

— Mas você não pode ter afeto por um androide-mãe.

— E por que não?

— É como ter afeto por uma mesa.

— E qual o problema?

— Acho que você realmente está doente.

— Provavelmente.

— Já usou seu escâner médico?

— Ele também estragou.

— E não abriu ocorrência?

— Não.

— Estou preocupado com você. Isso não é normal.

— É que estou cansado de tudo isto aqui.

— O que quer dizer?

— Nunca teve vontade de sair da caixa?

— Mas já saí algumas vezes!

— E foi pra onde?

— Pra caixa ao lado, claro!

— Não tem graça.

— Você está muito mal-humorado hoje.

— Quero sair da caixa e experimentar o mundo lá fora.

— É proibido.

— E por quê?

— Não sei e não me importa.

— Você não tem vontade de me ver?

— Estou vendo você.

— Digo, pessoalmente.

— Como assim?

— Poder tocar em mim.

Silêncio.

— Não preciso tocar em você.

— Não quer?

— Pra quê?

— Pra saber que sou real.

— Sei que é real.

— Mas eu já não sei de mais nada.

— Você está irracional hoje.

— E se você for um programa?

— Não sou um programa.

— E se eu for um programa.

— Você é um programa?

— Você não se importa?

— Qual a diferença?

— Esse é o problema. Quero saber qual a diferença.

Silêncio.

— Você está muito estranho hoje. Falo com você amanhã.

O holograma de I00358 desapareceu.

I000246 ficou ali parado. Muito magro, pele e ossos, pelos pretos e lisos a cobrir-lhe o corpo, mas já calvo aos vinte e cinco anos. A pele muito branca, pálida, a barba por fazer.

Mais do que nunca, o desejo o consumia, instinto ainda arraigado em sua carne pulsante. Os textos que podia acessar diziam que o instinto sexual dos das cavernas tinha sido superado. Mas o dele não.

Até então não tinha questionado por que estava na caixa. Sempre acreditara que todos os seres vivos viviam assim como ele; mas ultimamente começava a pensar que não, que estava preso, por algum motivo, e que, lá fora, pessoas viviam livres. Talvez tivesse cometido um crime do qual não se lembrava.

Precisava falar com alguém. Tentou conexão com I00358, que demorou a atender. Por fim:

— Que foi? Já disse que amanhã.

— Você não é meu amigo.

— Sou seu único amigo e você é meu único amigo.

— Pois estou realmente precisando de um amigo. Estou confuso, sinto uma tristeza imensa e preciso de apoio.

O outro esboçou uma ruga de preocupação.

— Abre uma ocorrência.

— Não entende, preciso de você.

Silêncio.

— Não vai dizer nada?

— Vou dizer: sou seu amigo e sou todo ouvidos.

— Sei que não concorda comigo e acha que sou cheio de esquisitices. E provavelmente você está certo, pois é mais inteligente do que eu. Mas estou muito mal. Não estou conseguindo ficar dentro da caixa. Está pequena demais.

— Mas temos tudo dentro da caixa.

— Acho que não. Senão, eu estaria satisfeito. Você já parou pra pensar que podemos morrer aqui dentro, sem comida, em frio intenso ou insuportável calor, ou mesmo doentes? Não sabemos quem ou o que nos fornece tudo de que precisamos.

— Nunca nos faltou nada, é só abrir uma ocorrência e...

— Para de dizer isso! E se nossa ocorrência não for atendida? O que você faria?

— Não sei.

— Você morreria.

— Mas a morte é inevitável.

— E a vida também?

— O que quer dizer?

— Isto aqui não é vida.

— E o que seria vida?

— Quero descobrir.

— Isto é o que temos.

— E não há mais nada?

— É tudo de que precisamos.

— Lá fora...

— Lá fora é pura contaminação.

— Você acha que alguém já saiu?

— Nunca ouvi falar.

— Quem controla tudo que existe?

— Você está cheio de perguntas. Mas não tem nenhuma resposta. Então por que pergunta?

— Porque, se não perguntar, nunca terei respostas.

— Você é muito diferente.

— Você conhece outro além de mim?

— Não.

— Você gosta de mim?

— Gosto sim. É o único com quem tenho contato.

— Se tivesse contato com outros, então não gostava de mim.

— Não sei. Mais uma pergunta sem resposta.

— Pois agora quero fazer uma pergunta que pode ter uma resposta.

— Faz.

— Mas promete que não ficará com raiva de mim.

— Prometo.

— Então vai. Você bate punheta?

Silêncio.

— Não quer responder?

— É que não esperava.

— Mas essa pergunta tem resposta, certo?

— Tem.

— Bate ou não bate?

— Às vezes.

— Posso ver?

— Não acho que deveríamos.

— Eu mostro também.

— Eu vou pensar.

— Até mais.

Silêncio na caixa de I000246. Ele sentou-se no sofá e começou a acariciar o pau, que logo cresceu, grande, viril, entre sua mão peluda. Bateu a punheta com tanta força que a cabeça do pau parecia que ia explodir em uma bola de sangue. Logo saiu uma porra abundante, grossa, num jato que quase atingiu a parede em frente, enquanto I000246 emendava o gozo às lágrimas. Adormeceu no sofá, sujo de porra.

Na manhã seguinte, os dois amigos conversaram de novo.

— Olá, I000246. Está mais racional hoje?

— Por lei, mulheres só podiam procriar a partir dos trinta anos, e os homens, a partir dos quarenta. Além disso, pessoas pobres não podiam ter filhos. Quem estava contra a lei, era punido com reclusão. Outra lei permitiu a castração a partir da puberdade. Cada vez mais, a procriação diminuía. Passamos então a ser criados em laboratório, produzidos em úteros-estufa. Sem mães e pais, passamos a ser criados por androides-mãe.

— Estou careca de saber disso.

— É que estava pensando como seria ter pai ou mãe.

— Coisa mais primitiva!

— Encontrei algumas imagens desse tipo de coisa. Alguns chamavam isso de “família”. E há uma imagem também de um androide-mãe que está cuidando de um bebê ao ar livre!

— Puxa! Coisa antiga!

— Quando o mundo ficou inabitável, todos passamos a ser criados em caixas.

— E daí?

— Nunca se perguntou quem controla tudo isto?

— E pra que eu perguntaria?

— E se essa coisa morrer, como vamos sobreviver?

— Ué, morreremos então. Mas isso é inevitável. Seu androide-mãe não lhe explicou que você é mortal?

— É que estou cansado de ficar na caixa.

— Não há opção.

— Eu queria visitá-lo em sua caixa.

— Mas está aqui! Estou vendo você.

— Para de brincar! Entendeu o que eu disse.

— Você deve ser fedorento.

— Bobo.

— Fedorento.

— No início do controle de natalidade, muitos reagiram. Não entendiam que os filhos não são individuais, mas coletivos. Tinham filhos por motivos narcisistas, ou mesmo por carência afetiva, ou mesmo capricho, imaturidade. Não podiam entender a inexistência de famílias nucleares e que

somos uma grande família, todos irmanados em uma nação, em um planeta.

— Estamos isolados. Além das ocorrências, não podemos interagir com ninguém. Por algum motivo, só posso me comunicar desta forma com você.

— E nunca se perguntou por quê?

— Perguntas são sua especialidade.

— E se só existirmos nós dois no mundo?

— E daí?

— Não é assustador?

— Não entendo o que quer dizer. Acho que seu androide-mãe tinha algum defeito. Acabou pirando sua cabeça.

Os dois ficaram em silêncio.

I00358 enrugou a testa.

— Acho que você tem algum plano maluco.

— Como sabe?

— Há alguma coisa no ar...

— Vou contar-lhe um segredo então.

— Fala aí.

— Promete que não conta a ninguém?

— Vou contar a quem? Não existe ocorrência pra denunciar segredos. Acho que você conseguiu álcool.

— Eles bebiam essas coisas no passado. Ficavam estranhos quando usavam drogas.

— Coisa de animal.

— Não tem vontade de experimentar e sentir o que eles sentiam?

— Nem um pouco.

— Eu tenho!

— Você é um esquisito!

— Acho que sou.

— Diz aí o segredo, pois está quase na hora da minha viagem virtual.

— Se não me engano, meu androide-mãe mencionou que, se eu não abrisse ocorrência, a caixa entraria em colapso.

— Não me lembro disso.

— Não tenho certeza.

— E se for verdade?

— Esse é o meu segredo. Estou pagando pra ver.

— Isso é suicídio.

— Veremos.

— Não vai ter coragem.

— Não duvide de mim.

— E se deixarem você morrer?

— Vou arriscar.

— Não poderei ajudá-lo.

— Está preocupado comigo?

— Talvez.

I000246 sorriu e disse:

— Um dia ainda vou poder tocar você, tenho esperança.

— Não vejo necessidade disso.

— O que acha que existe fora da caixa?

— Meu androide-mãe falou em transumanos.

— O que são?

— Não sei.

— Já pesquisou?

— Já. Não há nenhuma informação na rede.

— Mistérios de mais. Não posso viver com isso.

— Sem dramas.

— O que vou fazer?

— Não se entregue à animalidade.

— Só porque pedi pra vê-lo bater punheta?

— Você é realmente muito estranho.

— E não tem vontade de me ver?

I000246 começou a tirar a roupa.

O outro desligou o holograma.

I000246 coçou a cabeça, caminhou em direção à cápsula de ingestão de nutrientes. Hibernaria por três horas, enquanto os nutrientes eram absorvidos. E se a cápsula estragasse? Morrer ou registrar ocorrência? Ainda não estava pronto para decidir isso.

Na tarde daquele dia, I000246 fez contato com o outro, que surgiu sorridente e disse:

— Que alívio! Pensei que estaria pelado.

— Não. Queria ler um texto que encontrei.

— Você é muito estranho.

— Não quer que eu leia?

— De quando é o documento?

— Cinco de dezembro de dois mil e quinze.

— Realmente velho.

— Não consigo acreditar que o mundo já foi assim.

— Assim como?

— Comandado por idiotas com poder financeiro.

— Mas será que mudou de fato?

— Você conhece algum idiota com poder financeiro?

— Estou preso nesta caixa.

— Você acha que somos os últimos sobreviventes?

— Acho possível.

— Mas quem controla as ocorrências?

— Um computador.

— Pode ser.

— Depois que conheci você, passei a ter medo.

— De quê?

— De morrer.

— Agora é você que está dramático.

— Por que quer sair da caixa?

— Pra encontrar você.

— Só por isso?

— Antes eu estava feliz na minha caixa. Mas agora só penso em dividir uma caixa com você.

I00358 riu.

— Está zombando de mim?

— É que isso que falou é muito esquisito. A minha caixa é muito pequena pra dois.

— Pensei em uma caixa maior.

— E como vai conseguir isso?

— Não sei.

À medida que o tempo passava, mais problemas surgiam na caixa de I000246.

— Aqui quase nada mais funciona, I00358.

— Faz uma ocorrência, você vai morrer aí.

— A caixa vai entrar em colapso.

— É mentira de seu androide-mãe. Se fosse verdade, já teria entrado.

— Seu holograma está distorcido. Talvez não nos falemos por alguns dias.

— Mas vou sentir sua falta.

— Vai?

— Depois que o conheci, conheci também a solidão.

— Eu vou encontrá-lo quando eu sair desta caixa.

— Como?

— Não sei; mas vou.

— E se não conseguir, como é que eu fico?

— A caixa está entrando em colapso total. Posso ouvi-la rangendo.

— O quê? Não consegui entender.

A comunicação caiu.

CAPÍTULO III

Odete e seus últimos dias

(Mito: a morte)

DIA 1. Dei o sinal, e, pra isso, usei minha bengala. O ônibus parou. Não por mim; mas pelo jovem musculoso que estava ao meu lado. Ele entrou antes de mim. Antes de subir, encarei o motorista, que me olhou com ódio. Exagerei em minha lentidão, só pra mostrar quem é que mandava. Assim que eu estava dentro, o filho da puta arrancou, vingativo. Senti meu corpo se desfazer em ossos, carne, nervos e rugas. Tentei rodar a roleta, que me pareceu dura demais. O cobrador me olhava, com desprezo e impaciência. Uma moça gentil me ajudou a empurrar a roleta. Havia quatro bancos reservados pros velhos, todos ocupados... por não velhos. Esperei; mas ninguém parecia perceber minha presença. O jovem musculoso do ponto tinha ocupado um dos lugares reservados. Por que não?, pensei. E me sentei em seu colo, com um sorriso perverso nos lábios. “A velha é louca!”, disse uma voz masculina que veio lá do fundo do ônibus. Só louca pra sobreviver num país assim.
DIA 2. Expus as fotos tiradas no Cazaquistão. Mas a mídia decidiu boicotar minha exposição quando revelei que um dos meus namorados, o Fred, tinha dezessete anos. Todos os jornais boca do lixo e arautos da elite estavam me chamando de “velha pedófila”. Não adiantou explicar que nosso namoro era consensual e que a família do Fred não se opunha. Nossa história de amor fazia dois meses.

Começou quando eu tirava fotos no *Central Park*, foi amor à primeira vista. Fazíamos uma boa dupla. Afinal, ele era protegido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente; e eu, pelo Estatuto do Idoso. “Fred, às vezes você não se sente assim como um mico-leão-dourado?” Fred sorriu, significativamente. Ele não era muito de falar. **DIA 3**. Ao descer de um ônibus, procurei uma faixa de pedestres pra atravessar a rua. O sinal estava verde pra mim. Dez segundos pra atravessar a rua. Caminhei tranquilamente, enquanto as motos urravam em acintosa intimidação. Despreocupada, enquanto andava, admirava a paisagem de concreto, aço e fumaça. E, não mais do que de repente, me senti arrastada pelo braço por um marmanjo malcheiroso. “Assim, vovó, vai morrer atropelada.” Quase destronquei meu frágil tornozelo de sessenta e nove anos (e muitas noitadas) ao ser conduzida até a calçada. “Não tenho filhos, meu rapaz. Consequentemente, não posso ter netos.” Ele sorriu. “E, da próxima vez, só ajuda a quem te pedir ajuda.” “Velha ingrata!” “Cidadão modelo!” “Vai pro inferno!” “Depois de você!” **DIA 4**. Hoje de manhã, depois de uma *rave*, eu chegava em casa com o meu outro namorado, o Marcondes, quando uma vizinha veio até nós e disse que me denunciaria por pedofilia. “O Marcondes tem vinte anos”, falei. Ela olhou pra ele, com nojo: “Você é um gerontófilo! Isso é uma doença!”. Nos olhou com ódio e falou: “Vocês vão pro inferno!”. Sorri e profetizei: “Vemos você lá”. Marcondes e eu entramos e fomos direto pra cama, pois estávamos exaustos! **DIA 5**. Eu

estava no ponto de ônibus e, enquanto esperava, batia um papo, no *smartphone*, com os integrantes do grupo “Surubinha no quintal”. Um casal de velhos passou por mim. A mulher me olhou com profundo desprezo, aprendido desde o berço por mulheres da tradicional família brasileira. Ela devia estar incomodada com minha minissaia e meu batom preto. Quando o ônibus chegou, a defensora da moral e dos bons costumes, toda protetora, fez o marido, um velho bem “detonado”, entrar antes dela. Não, não se sentia ameaçada por mim. Protegia-o porque ele era frágil. Então comecei a pensar em como a vida é curiosa. Na juventude, os homens são os protetores; pois o instinto sexual faz o macho proteger a fêmea, sua posse. Porém, com o tempo, nos relacionamentos heterossexuais duradouros, a mulher rejeita a fragilidade e passa a proteger o homem. É que a fêmea se transforma em mãe. **DIA 6**. De um lado, eu e minha turma vermelha. Do outro, ele e sua turma verde-amarela, que acha que as matas e o ouro pertencem somente a ela e esquece o sangue que foi derramado na história do Brasil. Não sou muito adepta da terceira idade e nunca menti sobre isso. Mas ele tinha uns cabelos brancos tão revoltos, um nariz tão grande. Suado, com aquelas mãos gigantes, tirou a camisa amarela. Fiquei louca com aqueles cabelos brancos que lhe cobriam o peito. Eu estava com os meus cabelos encaracolados, pintados de vermelho, num estilo *black-power*. E quem disse que brancos também não podem tê-los? Então percebi que ele estava hipnotizado pelos

meus cabelos, enquanto eu desejava enfiar as unhas no seu peito peludo. Acabamos em uma cama, com lençóis brancos, em paz. “Pois na horizontal”, como já disse alguém, “todo mundo é igual”. Acabam-se as rivalidades políticas e restam apenas o delírio e o prazer. **DIA 7**. Tirei umas fotos na minha antiga universidade. E, inevitavelmente, vieram as lembranças. “A ciência é humilde, Odete, a ciência é humilde.” Como se fosse um sussurro vindo do passado, ouvi claramente a voz do meu professor e amante. Eu ali tão jovem, nua em seu gabinete, ele cinquentão e viril, apesar de um tanto melancólico. “A religião é arrogante, Odete, a religião é arrogante.” Tudo que ele dizia, eu bebia como água necessária, líquido vital. “A ciência erra em busca da verdade, reconhece seu erro, refaz o seu caminho e segue em frente. Mas a religião, Odete, a religião tem uma verdade que não admite questionamento.” Ele era ateu; e eu, indecisa. “Então me diz, Odete, quem é mais arrogante, um padre ou um cientista?” Eu apenas sorria, apaixonada e tola, jovem e tola. **DIA 8**. Hoje estou filosófica. Acordei de manhã, e o sol entrava sem cerimônia pela janela do quarto. Vi a sombra da garrafa de uísque que estava sobre o chão. Então pensei: “Por que existe a sombra?”. Acordei o Laerte, meu outro namorado, estudante recém-ingressado na Faculdade de Filosofia. “Laerte, por que existe sombra?” Ele simplesmente me ignorou e voltou a dormir. Disso tudo, cheguei à seguinte conclusão. Meu próximo namorado deve ser um estudante de Física. **DIA 9**. Se quer beber um típico

rabo de galo, tem que ir no Buraco do Troy. É um bar na periferia de São Paulo. Ali se reúnem universitários loucos pra discutir política, fumar maconha e planejar umas orgias. Os caras me respeitam pra cacete. “Cara, você é assim de outro mundo, Odete”, disse a Laura, estudante de Filosofia. “Puta que pariu! Você é gente como a gente.” E o Caio ficou tão bêbado que ameaçou todo mundo com um isqueiro aceso. “Eu queimo todo mundo se o Troy não aparecer! Cadê o Troy, gente? Eu vou beijar o Troy na boca!” O fogo do isqueiro queimou o dedo dele, e o Caio chorou feito um bebê. “Meu bem”, eu lhe disse, “não tem nenhum Troy, *baby*, é só o nome do bar”. “Eu queria agradecer ao Troy, Odete. O Troy é um pai pra mim.” O Caio é foda. **DIA 10**. Estava num bar de “sapas”, quando reencontrei minha colega de quarto dos tempos da faculdade. Verónika com K e acento agudo no O. Resolvemos matar a saudade, lembrar os velhos tempos. Depois do sexo, no apartamento dela, Verónika fumava um cigarro, nua e flácida, no sofá da sala, enquanto falava do tempo em que vivera nos Estados Unidos. “Aqui, Odete, ‘*gay*’ e ‘lésbica’ são substantivos, lá são adjetivos. Aqui, as pessoas dizem ‘aquele *gay*’ ou ‘aquela lésbica’. Lá, ‘aquele homem *gay*’ ou ‘aquela mulher lésbica’.” “Não tinha pensado nisso, Verónika.” “Aqui, o indivíduo se resume a uma característica, ser *gay* ou lésbica. Lá, ou você é homem ou é mulher, e pode ter uma característica, que é ser *gay* ou lésbica.” “Verdade, aqui no Brasil, *gay* e lésbica são uma espécie de terceiro sexo. Você é

homem, mulher ou um terceiro sexo, ou seja, *gay* ou lésbica.” “E nem pode ‘estar’ *gay* ou lésbica, ou é ou não é.” Verónika sempre foi sagaz. “Como uma mulher lésbica e feminista, eu odeio essa visão limitada que tem o povo brasileiro”, ela concluiu. Sorri e dei uma tragada no cigarro de Verónika. **DIA 11**. A pornografia é um ato de rebeldia. Os atores e atrizes pornôs são tidos como burros, alienados, acho mesmo que a maioria é. Mas rebeldia involuntária também é válida. Enquanto o mundo está sufocado pela falsa moral, a pornografia desmistifica o ser humano, mostra-o como devasso e tantas vezes ridículo, animal em busca de gozo. Aliás, conheci hoje uma atriz pornô aposentada. Keyla V. “O V é de virgem?”, perguntei. Ela riu, escandalosa — vício da profissão. É toda sensual, cheia de caras e bocas. “O V é de Vingadora.” De novo, uma gargalhada alta. Os moralistas do restaurante olharam pra nossa mesa. É amiga da Verónika, de longa data. **DIA 12**. Eu e meu namorado comunista, um das antigas, resolvemos protestar contra o governo vigente, de cunho fascista. Ficamos nuzinhos, saímos de mãos dadas e caminhamos pelo calçadão da praia de Copacabana. Eu tinha uma camélia vermelha em meus cabelos azuis, e ele amarrou um lacinho de fita vermelha em seu pau sexagenário. Chocadas, umas velhas fascistas nos ofenderam verbalmente. Mas alguns jovens aplaudiram, enquanto outros riam de nossa nudez. Umas mocinhas fizeram cara de nojo diante de nossa velhice exposta e feia. Não demorou muito, a polícia apareceu. “Toda nudez

será castigada", já dizia Nelson Rodrigues. Na delegacia de polícia, fomos ridicularizados por policiais sem nenhum profissionalismo. Mas permitiram que eu desse um telefonema, e acionei meu contato na imprensa, que logo apareceu, e os policiais fecharam a cara. As pessoas têm vergonha do corpo; mas não têm vergonha na cara! A nudez é castigada; mas a hipocrisia não! Abaixo o fascismo! **DIA 13**. Havia um grupo numeroso de religiosos a protestar contra uma exposição de obras que utilizavam, segundo eles, símbolos religiosos de modo ofensivo. Conseguirão proibir a exposição, me parece evidente. Ao contrário do que se pensa, o Brasil é um país puritano. Acho que é a influência do tio Sam. Às vezes chego até a gostar dos portugueses que nos colonizaram: trouxeram a cruz, mas também se renderam à boa sacanagem dos trópicos. Pau-brasil, país fálico. Gostem ou não os extremistas, também tenho direito de protestar, pois, segundo consta, vivo em uma democracia. Tirei minha roupa e, entre meus seios murchos, deixei pender um pequeno crucifixo, herança de minha mãe. Quiseram bater numa velha de sessenta e nove anos. Mas a força policial repressora, dessa vez, zelou pela minha integridade física. Um dos policiais era meu *brother*, não registrou bê-ó. Abaixo a ditatura religiosa! **DIA 14**. Apesar de ser assim atrevida, acho que não acredito mais em revoluções coletivas. Em alguns momentos, elas são necessárias, é preciso sair às ruas e morrer, literalmente, pela causa, pra que o *homo sapiens* não seja vítima de seus governantes

pilantras e genocidas, que buscam limitar o pensamento e destruir a inteligência. Se a intelectualidade não é incentivada, se a empatia é inexistente, não há solução. As pessoas estão cada vez mais funcionais e menos filosóficas. Acho que o que define o ser humano é o entre-lugar: devemos ser mais do que um animal e menos do que uma máquina. Mas vejo que as pessoas estão caminhando pra um dos dois extremos, e a humanidade está morrendo. Morre o pensamento crítico e a empatia. O que nos sobra? O fim. **DIA 15**. O *gay* é um fenômeno da pós-modernidade. Não, a foda entre gente do mesmo sexo existe desde que o mundo é mundo. Mas o *gay* é um fenômeno cultural. É o artificialismo, a não profundidade, a farsa, o hedonismo apolítico. O *gay* é produto de uma sociedade capitalista que tem como deus o consumo. O *gay* é um consumidor voraz. Eu tinha essas reflexões enquanto bebericava um martíni numa boate *gay* em São Paulo. **DIA 16**. Eram três horas da manhã quando a ambulância me levou inconsciente pro hospital. Quando o sol despontava no horizonte, eu morria, plena e livre, e integrava-me ao nada de onde vim. É que quando acaba a vida, só resta isto: nada.

CAPÍTULO IV
O fantasma da Faculdade de Letras
(Mito: o fantasma)

O homem que fede, um universitário esquizofrênico, anda com uma sacola plástica cheia de livros, ele jamais toma banho. Todos se sentam afastados dele, pois não suportam o fedor. Ele, solitário, não entende por que se afastam. A professora de meias pretas, saia preta, blusa preta e sorriso encantador, que fala de literatura brasileira. Ela é quase normativa, mas nos dá tanta liberdade! O professor de óculos, genial, atraente e pervertido. Magro, calça suja, cabelos brilhantes, sorriso tímido e irônico, olhar que retém mas que foge, saber que se impõe mas respeita, desejo que desperta e não sabe... ou sabe? A menina loura que faz alemão, cara de patricinha, roupas de metaleira, vocabulário adolescente repleto de gírias tão masculinas! A gorda lésbica que encontra a felicidade na maconha. Os inúmeros homossexuais que, por quererem se mostrar, se escondem. E os infinitos seres monossilábicos que pensam que dizem algo e nunca dizem nada. E lá está ele. Caminha pelos corredores. Parece não ter rumo. É tão sozinho! Mesmo quando passa por entre os universitários, ele está sozinho. Seus olhos não veem as pessoas. Seus ouvidos não ouvem as vozes, os risos, os gritos dos universitários empolgados com a vida acadêmica. Mas ele sente o cheiro da maconha que se espalha e inebria a todos. Ele vê o sexo nos escurinhos do *campus*, os

gemidos que ninguém mais, além dele, consegue ouvir. E lá vai ele, o fantasma da Faculdade de Letras, passa quase sem ser visto, vaga pelo prédio, com olhos esbugalhados, vê coisas que nem imagino, num mundo que não conheço, faz uma viagem diária e psicodélica. Seus passos são lentos, parece flutuar; outras vezes, anda rápido, lembra o coelhinho apressado de Alice. Umas vezes, um sorriso mecânico paira em seu rosto. Outras, um ar irônico. Quem ele vê? Do que sorri? Aonde vai? Em que mundo vive? Fez História faz alguns anos e elegeu a Faculdade de Letras para seu refúgio. Penso, às vezes, que mora lá. Não me surpreenderei ao vê-lo, um dia desses, a babar feito bebê, jogado no chão, em suprema overdose, a última overdose, aplaudido por todos aqueles que não o viram durante toda a sua existência. Mas isso ainda não aconteceu. O fantasma da Faculdade de Letras continua vivo. E não só perambula pelas faculdades do *campus*, ele perambula também pelas ruas do *campus*. Passa na frente dos carros, sem perceber buzinas ou xingamentos. Seu corpo vaga pelo *campus*; mas sua mente está em um mundo só seu. Podemos, então, pegar em sua mão trêmula e caminhar com ele, ir com ele a todos os buracos, a todos os ninhos escuros, onde ele consegue seus entorpecentes. Podemos nos entorpecer com ele e ver como a escultura deformada da Belas Artes se torna um todo harmônico e perfeitamente clássico, como as letras dos livros das bibliotecas uivam, vibram, dançam no chão encerado e, numa suruba literária, dizem-nos

coisas estranhas, mostram-nos imagens estranhas. Pois no mundo do fantasma da Faculdade de Letras, não existe consciência, só existem sensações e o não entendimento, o maravilhoso não entendimento que todos os universitários buscam sem saber. De repente, a jovem aspirante a atriz, que interpreta pelos corredores, grita, dramática: *Homo horrendus*! E o fantasma da Faculdade de Letras solta sua risada quase infantil, que já não causa estranheza, pois ali tudo é estranho e o estranho é não estranho. Desconstruímos, confundimos o mundo, buscamos o cerne da vida e acabamos deprimidos diante do limite imposto por nossa condição: animais sedentos de sensações, fartos de racionalidade, teóricos do caos. E o fantasma da Faculdade de Letras entra na mata densa, numa noite fria, enterra suas mãos trêmulas na lama e grita, com nojo: *Homo horrendus*!